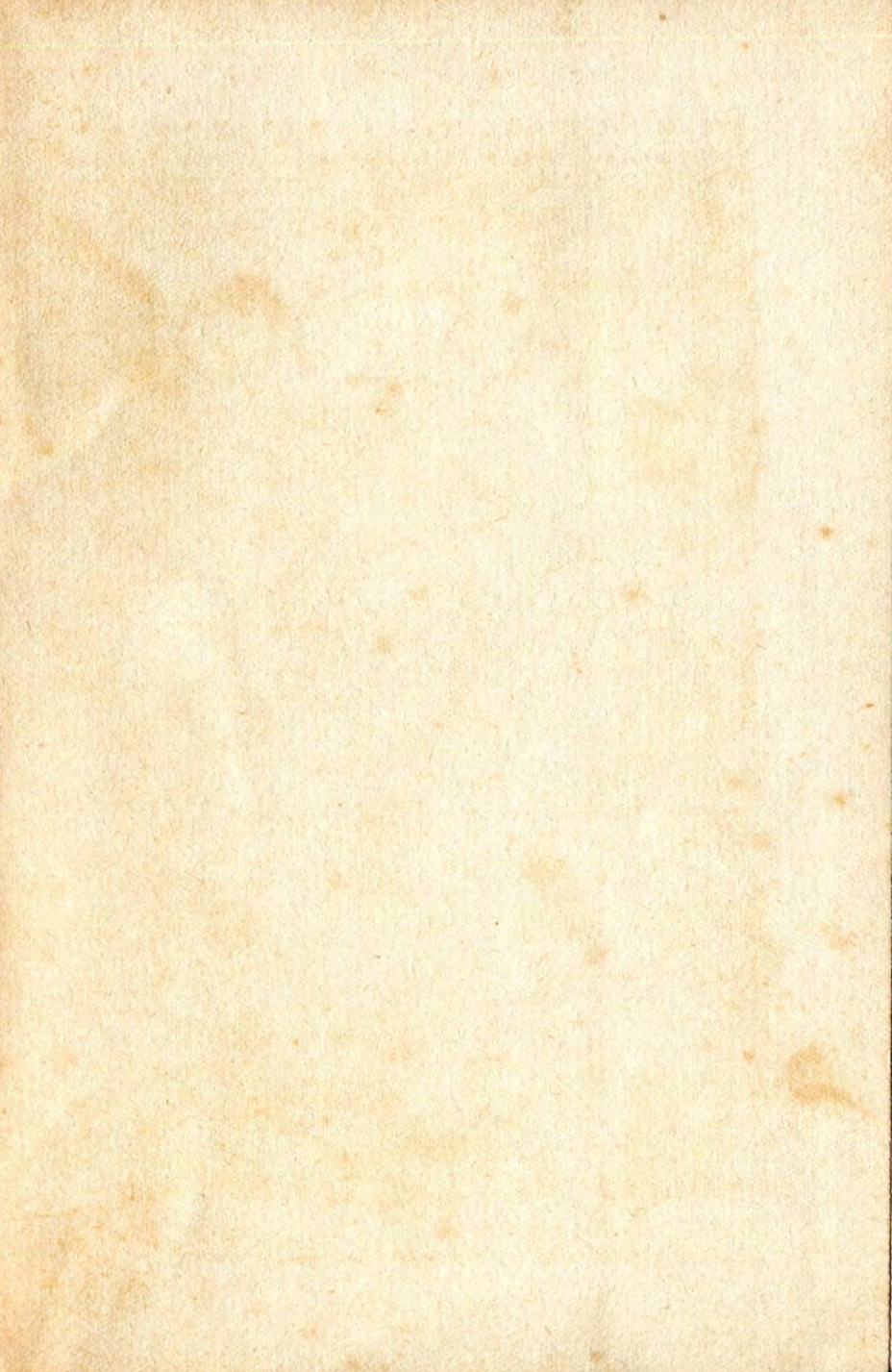
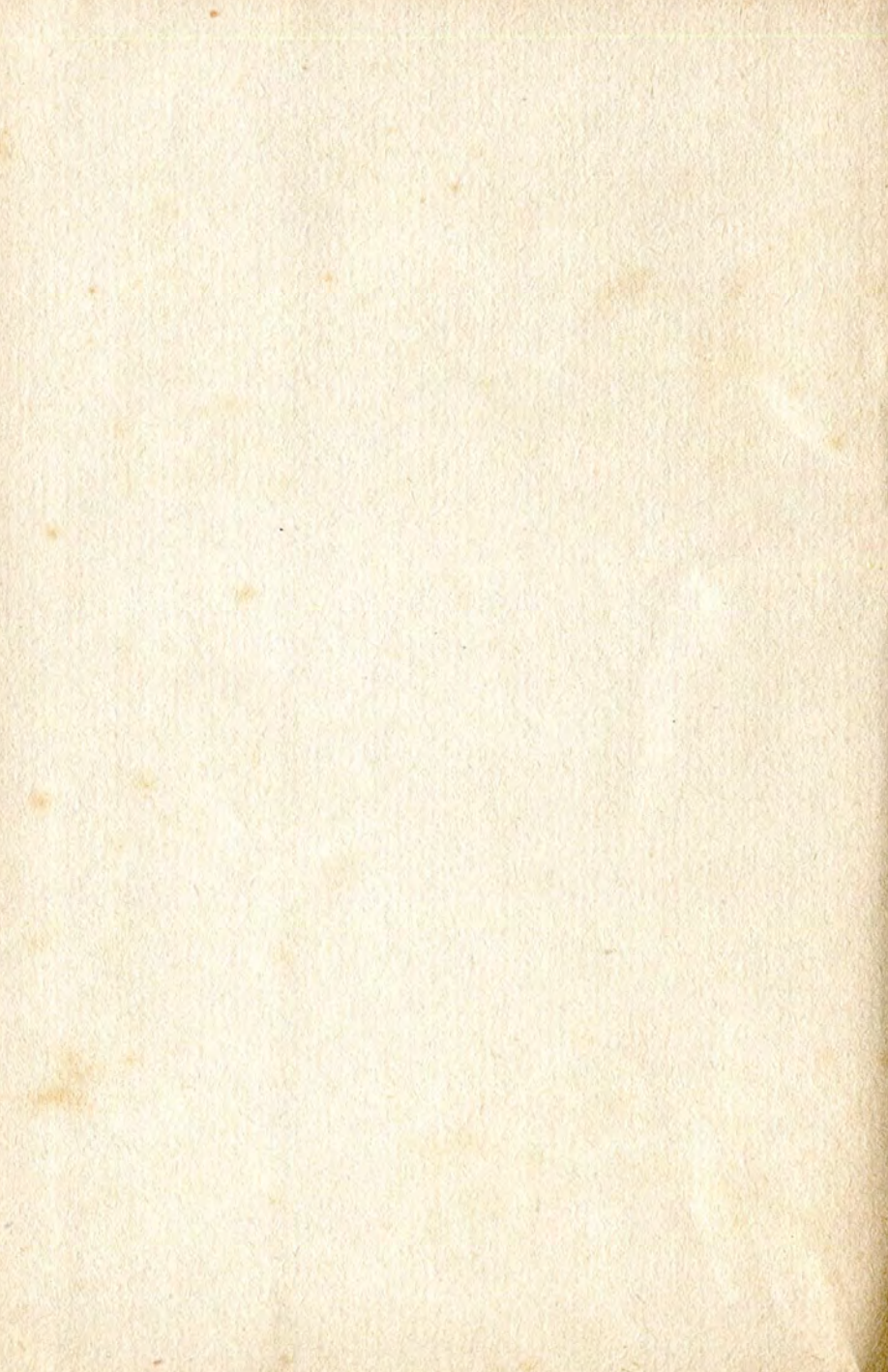
JOSÉ RÉGIO

BIOGRAFIA

segunda edição, refundida, e muito aumentada com novos sonetos e um prefácio

ARMÉNIO AMADO, EDITOR. COIMBRA

BIOGRAFIA

Ao Senhor

Dr. Jorge de Faria,

esta "reincidência"

da Biografia que

lhe oferece

o

Vila do Conde José Régio

1942

JOSÉ RÉGIO

BIOGRAFIA

SEGUNDA EDIÇÃO, REFUNDIDA,
E MUITO AUMENTADA COM
NOVOS SONETOS E UM PREFÁCIO

ARMÉNIO AMADO — EDITOR

OBRAS DO AUTOR

POEMAS DE DEUS E DO DIABO
edição do autor, esgotada. 1925.

BIOGRAFIA
1.ª edição, esgotada. edições «presença». 1929.
capa e ilustrações de Júlio, gravadas em linol.

JÒGO DA CABRA CEGA
romance. edições «presença». 1934. fora do mercado.

CRÍTICOS E CRITICADOS
carta a um amigo. cadernos da «seara nova». 1936.

AS ENCRUZILHADAS DE DEUS
poema. edições «presença-atlântida». 1936.
capa e desenhos de Júlio.

ESTUDOS DE JOSÉ RÉGIO: I
ANTÓNIO BOTTO E O AMOR
livraria progredior. 1938.

NO PRELO:

PRIMEIRO VOLUME DE TEATRO

de NIETZSCHE:

Quando se ama o abismo,
é preciso ter asas.

PREFÁCIO

Pelo menos aparentemente, faço nesta segunda edição dêste livro uma coisa que em geral não aprovo: Compreendo que um autor se apure em sucessivas edições (quando as tenha) nas minúcias digamos técnicas duma obra; mas não aprovo que refunda um livro publicado há anos de modo a torná-lo, por assim dizer, obra diversa. Além do mais que possa ser, — é cada livro um documento histórico: pois marca não só uma época da vida do autor e um passo da sua carreira, como, às vezes, um dado momento histórico da evolução da humanidade. Refundir, então, uma obra antiga — pode bem não ser senão engendrar um composto híbrido, sem idade definida como as criaturas neutras, e formado duns elementos antigos e outros actuais não concordes. Nem a paternidade dá ao autor o direito de atentar assim contra a individualidade e a unidade duma obra.

Ora esta segunda edição da Biografia, livro de sonetos publicado há dez anos, apresenta-se algo diferente da primeira: A ordem por que, na primeira, estavam dispostos os sonetos foi de todo alterada; alguns dêles, corrigidos ou refundidos; sem deixarem de pertencer, na intenção do autor, ao livro em que pela primeira vez saíram, todos os sonetos dos Poemas de Deus e do Diabo passaram a também pertencer a

êste; e novos sonetos foram agora incluídos, na maioria inéditos até hoje.

A razão de fazer aqui o autor isso que em geral não aprova — é ser êste livro, para êle, uma espécie de livro ilimitado; uma obra naturalmente em suspenso..., tendente embora a um fim ou finalidade. Não uma auto-biografia, isto é: uma biografia particular, como quereriam alguns que, depois, teriam prazer em censurar o autor por isso mesmo, aliás não censurável em si. Não uma auto-biografia, — a-pesar-dos seus elementos auto-biográficos: sim uma Biografia. Quero dizer: uma espécie de roteiro de tôda e qualquer vida viva; uma história, embora fragmentada, de qualquer ser verdadeiramente humano; portanto capaz de vibrar com alguns dos nossos problemas mais persistentes, alguns dos nossos conflitos mais nossos, algumas das nossas ideas mais constantes ou emoções mais intensas, alguns dos nossos sentimentos ou instintos mais fundos. Tais problemas, conflitos, ideas, emoções, sentimentos, instintos, — não digo que façam a felicidade do homem, se por felicidade do homem se entende um estado de puro bem-estar vegetativo, material, do animal satisfeito. Mas são, seguramente, o que distingue o homem dos outros animais, e faz a sua dignidade, e nos permite ainda alguma esperança num

progresso seu e da sua condição. A paz, aquela paz superior que seria uma superior felicidade do homem, ou é um estado original de graça, de inocência, ou é, exactamente, o prémio das muitas e terríveis inquietações superadas. Não era só do suor que escorre do rosto, nem do pão que alimenta a carne, que Deus falava quando condenou o homem a ganhar o seu pão com o suor do seu rosto. Talvez como nunca, hoje, escorre o suor do rosto e da alma, sem que o homem tenha, porém, o pão da carne e o do espírito. Mas o desespêro sem contradita seria a morte da humanidade. E nenhum poeta, grande ou modesto, e por mais desesperado que vivesse e morresse, trabalhou jamais pela morte da humanidade. As alterações que o autor entendeu dever fazer no seu livro não o impediram de fechar com o mesmo soneto de esperança.

Expondo o que aí fica dito, deu o autor a primeira razão de certa preferência, que ousa confessar, por êste pequeno volume. E todo o leitor benévolo compreenderá, agora, que êle não dê por terminado um livro de versos que assim interpreta; sem ou com razão. Como compreenderá que tal livro possa ser refeito duma para outra edição, sem, afinal, ser modificado no seu sentido íntimo.

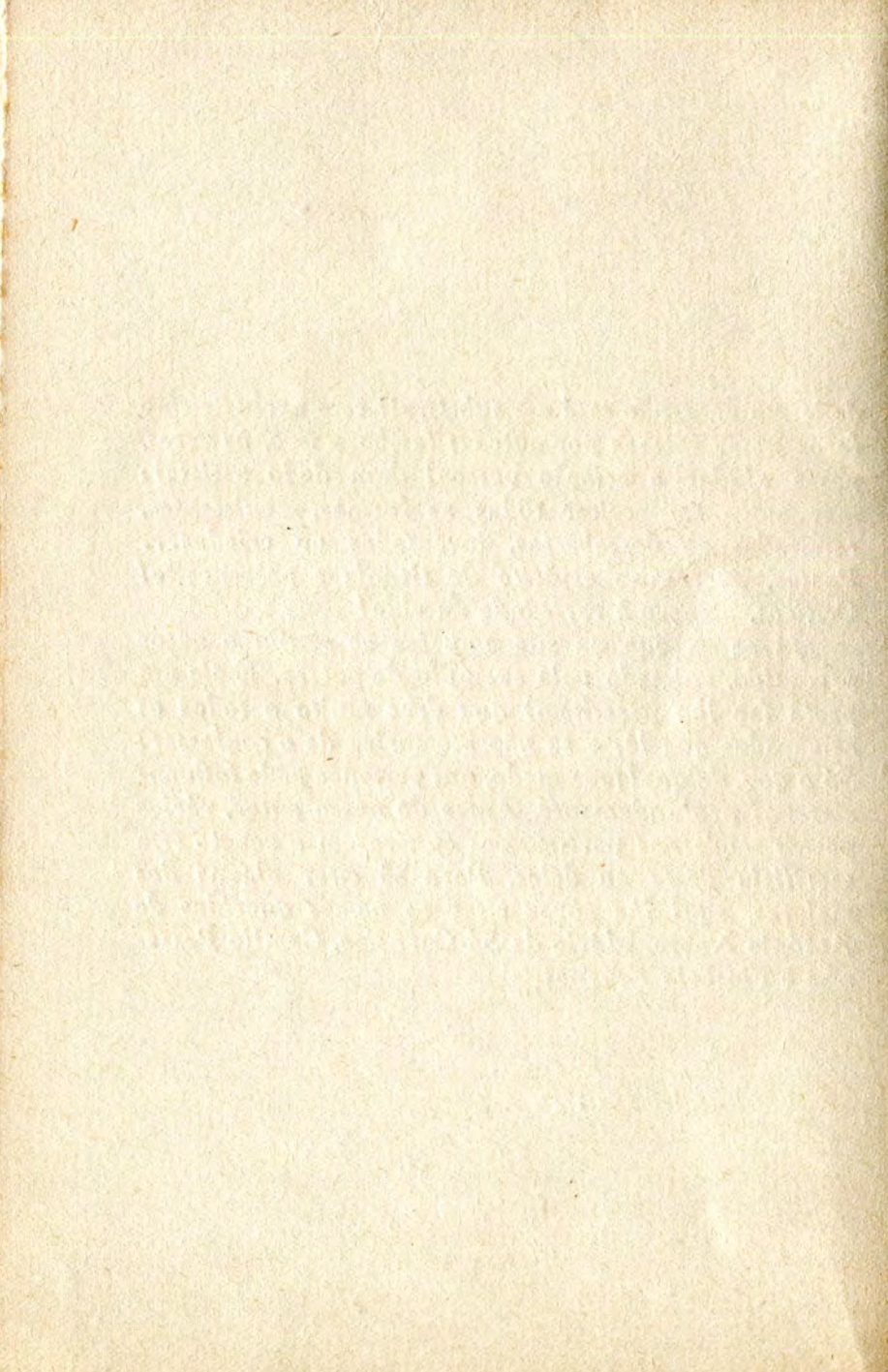
A segunda razão é de ordem estética; ¿porque

não dizer técnica? Não obstante ter a dentro da língua portuguesa cultores tão grandes como Camões, Bocage ou Antero, — para só citar os maiores — o soneto vinha-se degradando entre nós a ponto de se tornar uma espécie de mero exercício retórico; de chapa; de caixilho para tôda a mediocridade ou vacuïdade. Sempre sentiu o autor que nem por isso êle era, em si, inconformável com a sensibilidade moderna; que, pelo contrário, se adequava a certo pendor epigramático, anti-declamatório, de grande parte da poesia contemporânea. E tanto o sentiu, que naturalmente derivaram na forma do soneto algumas suas composições literárias. Direi melhor dizendo que naturalmente se lhe corporizaram em sonetos algumas intuïções poéticas; e que de nenhum modo o autor sentiu que a disciplina, aliás rigorosa, do soneto o constrangesse ou amputasse. Tôda a arte vive da liberdade interior do poeta e da disciplina do artista. Tão prejudicial, para a arte, é atacar uma como outra.

Esta segunda razão da preferência que já ousou confessar por êste pequeno volume — ter contribuído, na medida das suas fôrças, para conformar a forma clássica do soneto com a sensibilidade moderna — alarga-a o autor dêste modo: ter contribuído, na medida das suas fôrças, para fazer ver que a verdadeira liber-

dade, em arte, não está em substituir com exclusivismo feroz umas formas por outras; (embora isso, às vezes, possa ajudar a criação pessoal dum dado artista): mas antes em aceitar tôdas as formas, — existentes, renovadas ou descobertas, inventadas ou criadas... Poetas, guerra ao espírito de tirania e preconceito! Críticos, atenção à variedade da vida!

Já se vê que na sua emprêsa se sentiu o autor precedido, animado pelo exemplo de outros. É êle um poeta (se lho permitem) que deve muito a todos os camaradas que lê; e se não atemoriza de o confessar: Só o que, de qualquer modo, nos pertence pode influenciar-nos profundamente. Antes do nosso autor, vários poetas modernos portugueses cultivaram o soneto sem sacrifício dêste ou dêles. Para só citar alguns dos maiores, aqui lhe apraz citar os nomes queridos de António Nobre, Mário de Sá-Carneiro, Camilo Pessanha e Florbela Espanca.

Portalegre, Julho de 1939.

I

CONTO

VAI o menino só na estrada grande,
Grande e medonha entre pinhais sombrios,
Entre uivos ruivos, roucos e bravios
Arranhando o silêncio que se expande...

A mãi dissera-lhe: — «O menino, ande
«Longe das selvas, dos fundões, dos rios...»
E avós, irmãos, amigos, primos, tios:
— «Menino, vá por onde a gente o mande!»

Mas o menino foi desobediente:
E andou por vias ínvias ou sem gente,
Pela mão de enigmáticos destinos.

Saltar-lhe-ão lôbos vis e cãis de el-rei...

— Foi pondo o ouvido em terra, que escutei
Lôbos uivar e soluçar meninos.

II

BAPTISMO

a António Botto

FOI numa tarde, há muito!, em que eu morria
Como num sonho ansiosamente vago...
Via nuvens fugindo sôbre um lago,
Lá num deserto onde o luar nascia.

Morria a ouvir nem sei que melodia
Fluir da flauta de não sei que mago...
E uma figura erguia-se do lago,
Vinha, mordia-me no peito..., e ardia.

A minha mãi que estava ao lado, quieta,
Eu dizia: — «Mamã, quero ser poeta!»
E consumia-a num abraço estreito...

...De noite, ergueram-se uivos do horizonte.
E eu sentia correr, como uma fonte,
A chaga que se abrira no meu peito!

III

GÉNESE

SÒZINHO, à margem do caminho, um verme.
Passam, repassam bandos pela estrada.
E alguns vão vê-lo... ou antes: veem ver-me,
Com um dó que dói como uma chicotada!

Passam, repassam bandos pela estrada...
Levantam pó que desce a envolver-me.
E outros, por animarem a jornada,
Jogam à bola com minh'alma inerme.

Passam. E à margem do caminho, triste,
Respiro o pó que inda no ar persiste...
Cai das estrêlas o silêncio, o espanto.

Qualquer coisa de absurdo me sufoca...
Maior do que eu, sobe-me a alma à bôca.
Não posso mais! incho de angústia! — E canto...

IV

LUCIFER

TORCENDO as mãos, pensei: «Que êsses amigos
«A quem o ritmo que lhes canto apraz
«Não sonhem nunca as podridões e os perigos
«Que a melodia vã tem por detrás...

«Herdei de avós leprosos e mendigos
«Uma chaga incurável e minaz.
«Versos que eu faça..., é ela quem n-os faz!
«Meus versos são venenos e castigos...

«Mas para que ninguém saiba o que eu sei,
«Mentirei!, fingirei!, renunciarei!,
«Serei sòzinho entre os meus quatro muros.»

Nisto..., a parede abriu-se e o Anjo entrava.
E à monstruosa chaga que purgava,
Se vieram colar seus lábios puros!

V

NARCISO

DENTRO de mim eu me quis ver. Tremia,
Dobrado em dois sôbre o meu próprio poço...
Ah, que terrível face e que arcabouço
Êste meu corpo lânguido escondia!

Ó bôca tumular, cerrada e fria,
Cujo silêncio esfíngico eu bem ouço!...
Ó lindos olhos sôfregos, de moço,
Numa fronte a suar melancolia!...

Assim me desejei nestas imagens.
Meus poemas requintados e selvagens,
O meu Desejo os sulca de vermelho:

Que eu vivo à espera dessa noite estranha,
Noite de amor em que me goze e tenha,
...Lá no fundo do poço em que me espelho!

VI

A TERRA É REDONDA

ao António Madeira

PELA curva infindável e poeirenta
Da velha, muito velha estrada, passa,
Bamboleando a grávida carcassa,
Uma carroça antiga e sonolenta.

Sustenta bobos e aleijões... Sustenta
A vontade de rir da populaça.
E um jovem *clown* azul, contra a vidraça,
Paira, sonhando ao som da roda lenta...

Sonha incógnitas luas e evasões.
Dum lado e de outro lá da estrada, chovem
Pétalas murchas como os quadradinhos

Lá das librés dos monstros e bufões...
Ai, pobre, ingénuo e belo *clown* jovem!
A carroça é quem sabe os teus caminhos.

VII

STRUGGLE FOR LIFE

SIM, bem sei que o tablado em que figuro
Fica longe de mim léguas e léguas.
Minhas pupilas viam longe... e eu cego-as;
Mas sei que finjo achar o que procuro.

Sei que o meu sonho é imenso e anseia ar puro,
Mas no meu gabinete o meço a réguas.
Sei que devo aguardar, velar sem tréguas,
Mas busco o sono e embrulho-me no escuro.

Sei que êste meu aspecto dúbio, fez-mo
A vida em que o meu Ser supremo e belo
E os meus gestos indómitos não cabem.

Sei que sou a paródia de mim mesmo.
Sei tudo... ¿E para quê?, porquê sabê-lo?
Viver é entrar no rol dos que o não sabem!

VIII

APEADEIRO

—«VAIS bem?»—«Vou bem!»—respondo eu sorrindo
—«Vou indo bem! Muito obrigado, amigo.»
Dentro de mim, só para mim, comigo,
O meu sorriso é um silvo nunca findo...

¿Que pertinaz delírio em mim subindo
Me atrai além da recta que persigo?
Mas as mãos, que agitava, eu próprio as ligo,
O estranho silvo afogo... e cá vou indo.

Vou indo bem! Cá vou na recta via
Em que entrei, desistindo do delírio
Que me erguia estas mãos e mas torcia.

Deuses não sei de que longínquo empíreo!
Por esta recta a quanto custo vim,
E vou...! ¿e aonde? a vós? ao nada? a mim?...

IX

A JAULA E AS FERAS

VIVEM centos de doidos nesse hospício
(Quem n-o diria, olhando cá de fora...?!)
E o portão dança já no vélho quício,
Dança, e faz entrar mais a tôda a hora...

Trazem todos um sonho, um crime, um vício,
E foram reis lá muito longe, outrora...
E em seus rostos de espanto ou de flagício,
Não sei que ausência atroz se comemora.

Faz mêdo e angústia olhá-los bem nos olhos;
E lá por trás de grades e ferrolhos,
Estoiram de ansiedade desmedida.

— Meu corpo, ó meu hospício de alienados!
Abre-te aos meus desejos enjaulados,
Deixa-os despedaçar a minha vida!

X

LÁZARO

POR damascos e púrpuras de rei
Despi, lá fora, os meus vestidos vélhos;
E entre o tumulto, as luzes, os espelhos,
Insólito conviva, eu me assentei.

Erguendo a taça de cristal, brindei;
Quebrei a taça de cristal nos joelhos...
E apertando nas mãos lírios vermelhos,
Ensaiei risos fúteis e cantei.

Assim vós me julgastes um dos vossos,
E a mesa do festim me recebeu,
E me coroaram de hera em flor os moços.

E quando tôda a orgia adormeceu,
Só eu!, só eu me vi roendo os ossos
Dêsse banquete que não era meu!

XI

TURISMO

ao Alberto de Serpa

LENTO se fôra esboroando, o altivo
Palácio erguido a par das nuvens várias.
Já o rei dessas abóbadas lendárias
Sob elas jaz inútil e cativo...

Só o vento perpassando, baixo e esquivo,
Do chão levanta uns sons de velhas árias...
Só musgos podres, líquenes, parietárias,
Nas lágeas são agora um germen vivo.

Por isso vão agora excursionistas
Venerar o local do aéreo paço,
Fotografar o pó, saüdar as vistas,

E, por um largo e saboreado espaço,
Com férreas sapatorras de turistas
Esmigalhar tanto cristal já baço...

XII

EXPERIÊNCIA

ao João Gaspar Simões

MINH'ALMA ergueu-se e declamou: — «Reviva,
«Mais uma vez, o meu Desejo! Quero,
«No fim dos fins, donde já nada espero,
«Cantar a derradeira tentativa!

«Por quanto longo tempo andei cativa
«Dum sonho ou doutro, e qual mais dôce ou fero...!
«Alcanço hoje o serêno desespêro:
«Só de si própria a minha sêde viva!»

Assim minh'alma declamou. Julgava
Que era a única vez que assim falava...
E outra vez ébria, inda outra vez partia.

— Vai, frio manto de brocado gasto,
Vai atrás dela, pérfido, e de rasto,
Meu sinistro sorriso de ironia!

XIII

O MANEQUIM

QUANDO Hamlet, Gran Senhor predestinado,
Ressuscitou em mim sua Loucura,
Eu quis, para o trazer de braço dado,
Modernizar-lhe o espírito e a figura:

Pus-lhe um sorriso frígido e afiado
Nos lábios retorcidos de amargura;
E apertei-o num fraque bem talhado
Que lhe vincasse os gestos e a estatura.

Depois, abri-lhe o enigma da Ironia,
Para que a sua atroz melancolia
Calçasse luvas e tivesse o ar fino...

Hoje, ó meu Grande! ó Príncipe de todos!
Já te posso exibir: Tens belos modos,
E sofres... mas segundo o figurino.

XIV

SÍNTESE

ao Carlos Queiroz

ALTA comédia misteriosa, a Vida
Era um bem digno dom de altos senhores.
Nós é que somos tão banais actores
Que a comédia decorre incompreendida.

Vivendo à superfície, e de fugida
Entre a plateia, o palco, os bastidores,
Mimamos o sorriso, o riso, as dores
Duma Vida maior nunca atingida.

Porém, às vezes, lá da esquina, surge
Quem, afrontando o bando de Panurge,
Se exibe duplo, intolerável, só!

Abrem-se então, no palco, os alçapões...
O homem cai ao poço. E as multidões
Vão depor loiros murchos no seu pó.

XV

«FUGIU UM DOIDO!»

GESTICULAR, compor, dizer, fingir,
Socorros mútuos de fazer caretas...
Falam solenemente, e andam sem rir,
Neste *bar* de lunetas e muletas.

Nas plateias vazias e quietas,
¿Quem, tão livre e tão só, para assistir?
Empregados a quem se dá gorgetas
Nem sequer se atreviam a tossir...

Quem me arrancou pelos cabelos?... Louco
Filósofo, ou Demónio, ou Anjo!, ¿quando
Me iluminaste os olhos, às lançadas?

Voei do palco, e assisto ao drama ôco.
De Cá me vejo lá representando,
E encho, eu sòzinho, as frisas e as bancadas!

XVI

LIBELO

POR caminhos só rectos, não sei ir.
Nos ínvios por que vou, não sei ficar.
Suspenso do passado e do porvir,
Venho e vou!, venho e vou!, não sei parar.

Abri asas nas mãos para fugir,
E raízes nos pés para amarrar.
(Levava chão nos pés indo a subir,
Trazia céu nas mãos vindo a baixar...)

Eis, porém, que estes dons ultra-humanizam,
E os homens, meus irmãos, se escandalizam
E me espontam as asas e as raízes.

Assim se castram êles próprios, pobres!,
E tendo-se, mais vis, por mais felizes,
Se satisfazem com seus magros cobres...

XVII

TARTUFO

SIM, pudera eu gritá-lo a tôda a gente,
Quero-te! — e o grito morre-me no peito.
Meu olhar se te esquiva contrafeito.
Morde-me a bôca um riso de demente...

E nem tu própria o vês! e ninguém sente
Com que tremor te acerco, sigo, espreito...!
O fervor com que em sonho a mim te estreito,
Parece que o escondo fàcilmente.

Cegos! O riso que me morde a bôca
Desce a dentro de mim, corrói-me a alma
Como uma chama oculta, verde e louca.

Mas eu, parece, eu mostro, eu fruo a calma
Dos que acham esta vida inane e pouca,
...Sonhando empunhar noutra a eterna palma.

XVIII

MELANCOLIA

ao Fausto José

BASTA, meu coração! nada de esperanças!
Desesperança extrema, altiva, e crua.
Silêncio sôbre uma grande álea nua,
Com troncos sem folhagens, como lanças.

Nenhum lenço a acenar frágeis lembranças.
Espaços baços, amplos, e sem lua.
Um vento igual, rasteiro, e que insinua
Rezignações que fingem de bonanças.

O chão varrido e bem pisado, espêsso
Como um peito esmagado em cujo avêsso
Congelem subterrâneos de soluços.

E ao fundo, um pobre corpo abandonado...
Abandonado e a apodrecer, de bruços,
Com feridas que vão de lado a lado.

XIX

RENÚNCIA

ao Edmundo de Bettencourt

SEI duma pobre e suave prostituta
Desejosa de ter e de ser tida.
Vive entre as mais, serêna incompreendida,
E, por ser a mais pura, é a mais corruta.

Seja quem fôr que a desejar — disfruta
Sua carne amorosa e confrangida.
Sofre de amar profundamente a vida,
E é só abandonando-se que luta.

Vieram uns... e deram-lhe pancada.
Outros... deram-lhe beijos e dinheiro.
Todos a enxovalharam de seus males.

Ó minh'alma cansada e não saciada!
Prostitua-te e passe o mundo inteiro...
E ninguém, senão eu, saiba o que vales.

XX

ÍCARO

ao Fernando Lopes Graça

A minha Dor, vesti-a de brocado,
Fi-la cantar um chôro em melopeia,
Ergui-lhe um trono de oiro imaculado,
Ajoëlhei de mãos postas e adorei-a.

Por longo tempo, assim fiquei prostrado,
Moendo os joelhos sôbre lôdo e areia.
E as multidões desceram do povoado,
Que a minha Dor cantava de sereia...

Depois, ruflaram alto asas de agoiro!
Um silêncio gelou em derredor...
E eu levantei a face, a tremer todo:

Jesus! ruíra em cinza o trono de oiro!
E misérrima e nua, a minha Dor
Ajoëlhara a meu lado sôbre o lôdo.

XXI

DEMASIADO HUMANO

ao Adolfo Casais Monteiro

ESCANCAREI, por minhas mãos raivosas,
As chagas que em meu peito floresciam:
Versos a escorrer sangue eis escorriam
Dessas chagas abertas como rosas...

Assim vos disse angústias pavorosas
Em versos que gritavam... ou sorriam.
Disse-as com tal ardor, que todos criam
Êsse rol de misérias fabulosas!

Chegou a hora de cansar... cansei!
Sabei que as chagas tôdas que aureolei
São rosas de papel como as das feiras.

Que eu vivo a expor minh'alma nas estradas,
Com chagas inventadas retocadas...
Para esconder melhor as verdadeiras.

XXII

TUDONADA

PASSAI!, belas carruagens brasonadas,
Forradas de alcatifas e de roubos!
Passai!, carroças trôpegas! e bobos
Com as fardas e as farsas desbotadas...!

Passai!, clarões, clarins, tinir de espadas,
Arruaças de lôbos contra lôbos!
Passai!, gentis idílios!, vãos arroubos!,
Êxtases vis nos pátios das escadas!

Passai!, grenhas e caspa de profetas,
E doces ignomínias de poetas...!,
Almas em lira e corações em escudo.

Passai!... —No mar de gêlo encalha o barco;
Lá longe o charco sonha... e cheira a charco;
Lá em cima, há um céu crivado de astros, mudo.

XXIII

BAILE DE MÁSCARAS

CONTÍNUA tentativa fracassando,
Minha vida é uma série de atitudes...
Minhas rugas mais fundas que taludes,
¿Quantas máscaras, já, vos fui colando?

Mas sempre, atrás de Mim, sigo buscando
Meus verdadeiros vícios e virtudes.
(—E é a ver se te encontras, ou te iludes,
Que bailas nesse entrudo miserando...)

Encontrar-me? iludir-me? ai que o não sei!
Sei que tenho no rosto ensangüentado
O rol de quantas máscaras usei...

Mais me procuro, pois, mais vou errado.
E aos pés de Mim, um dia, eu caïrei,
Como um vestido impuro e remendado!

XXIV

PECADO

FOI numa noite fosca e fria, triste,
E era a primeira vez que assim pecava.
Se a alma é imortal, e Deus existe,
¿Onde é que Êle existia, ou a alma andava?

¿Porque, em mim que os negava, não raiava
Sua voz alta como um gládio em riste?
E eu só vi sombra aprofundando a cava
Mudez da noite fosca e fria, triste...

Hoje, que a mácula alastrou, e morde
Todo o meu corpo lasso, é que Deus chega,
E a minh'alma acordou por que eu acorde.

É tarde! e a carne que o meu pranto rega
Já só pede êsse instante esquivo e eterno
De se deixar arder no seu inferno...

XXV

ÚLTIMA CEIA

ESCRAVAS que valiam um tesoiro
Trouxeram castiçais do seu tamanho.
Flutuavam ritmos de nocturno agoiro
Em cada bôca longa como um lanho...

Pagens serenos, hirtos, grandes, — loiro
Cabelo, olhos côr de água, olhar estranho,
Avançaram depois com salvas de oiro,
E rosas, frutas, vinho, o pão e o anho.

E as escravas e os pagens esperaram;
E apagaram-se as luzes; e murcharam
Tôdas as rosas pelo chão, aos molhos...

Porque o Príncipe, à mesa, olhava tudo
Com êsse olhar parado, pardo, e mudo,
Das esferas de vidro a fingir olhos!

XXVI

BONECO DESFEITO

ao Artur Espanha

SURGIU no palco, um dia, um bailarino,
Surgiu soberbamente nu, — jogando
Nas mãos ágeis de *clown* e de menino
Cem máscaras rodando, rodopiando...

Sôbre um *décor* violento e sibilino
Cegamente bailou, tombou bailando,
Como se apenas fôra seu destino
O seu bailado altivo e miserando.

No palco jaz agora um mutilado:
Um morto nu, decapitado, olhado
Por milhões de olhos sem pudor nem vista.

... Que as máscaras sem fim que êle jogara
Não eram mais, talvez, que a própria cara
Dum desgraçado e humano ilusionista!

XXVII

CRISTO

QUANDO eu nasci, Senhor! já tu lá estavas,
Crucificado, lívido, esquecido.
Não respondeste, pois, ao meu gemido,
Que há muito tempo já que não falavas...

Redemoïnhavam, longe, as turbas bravas,
Alevantando ao ar fumo e alarido.
E a tua benta Cruz de Deus vencido,
Quis eu erguê-la em minhas mãos escravas!

A turba veio então, seguiu-me os rastros;
E riu-se, e eu nem sequer fui açoitado,
E dos braços da Cruz fizeram mastros...

Senhor! eis-me vencido e tolerado:
Resta-me abrir os braços a teu lado,
E apodrecer contigo à luz dos astros!

XXVIII

FILHO DO HOMEM

SUBIA eu ao monte e alguns troçaram,
Emquanto a multidão, lá em baixo, ria.
E os seus risos e troças arranharam
Tudo o que em mim, sensível, se doía...

Uns e outros, depois, me detestaram
Por eu me destacar da maioria.
E, fortes contra um só, cem abusaram,
Emquanto a multidão, em volta, ria.

Vilanagem, fartar!, que estou cansado.
Eis-me... *Ecce homo!* — nu, vencido, atado.
Podeis cuspir-me à cara os vossos lôdos.

Mas quanto mais de rastos, mais me prezo.
Só o meu amor iguala o meu desprêzo...
E eu vingo-me expirando por vós todos!

XXIX

SONETO DE ONAN

CHEGANDO nu, cantei. Cantei, é certo,
Minha nudez ansiosa e lastimável.
Fez-se em redor de mim terror, deserto...
Que uma nudez assim é pouco amável.

«Esta gente esperava-me encoberto»,
(Pensei) «mas nunca eu soube ser afável...»
E então vagueei, cantando, em meu deserto,
Minha nudez ansiosa e lastimável.

Só, vagabundo, assim desci mais fundo:
Na Tôrre de Babel da minha ermida,
Já vivo mais que a minha própria vida!

E através de vós todos continuo...
Sim!, só a mim me entrego e me possuo,
Porque eu me basto para achar o mundo!

XXX

O PEQUENO SUPER-HOMEM

NÃO quero dizer não nem dizer sim;
Não quero ser juiz nem advogado.
Amo a Vida, e não posso estar parado!
Não sei quem sou senão que sou assim...

Não quero grades nem portões. A mim,
Pés que não achais pé no campo arado!
A mim!, que o meu jardim é um descampado,
E não há cãis de guarda ao meu jardim.

Deitei abaixo o muro dor-prazer.
Sim, não, talvez, assim, nem sim nem não,
Já nada quero ou recusei querer.

E quanto eu diga é fùtilmente vão!...
Que eu vivo, ou não, se é, ou não é, viver,
O puro Drama e a pura Solidão.

XXXI

LIBERTAÇÃO

MENINO doido, olhei em roda, e vi-me
Fechado e só na grande sala escura.
(Abrir a porta, além de ser um crime,
Era impossível para a minha altura...)

Como passar o tempo?... E diverti-me
Desta maneira trágica e segura:
Pegando em mim, rasguei-me, abri, parti-me,
Desfiz trapos, arames, serradura...

Ah, meu menino histérico e precoce!
Tu, sim!, que tens mãos trágicas de posse,
E tens a inquietação da Descoberta!

O menino, por fim, tombou cansado;
O seu boneco aí jaz esfarelado...
E eu acho, nem sei como, a porta aberta!

XXXII

SEGUNDO SONETO DA LIBERTAÇÃO

— TU?! sabes tu que o trono em que pompeias
To levantaram mãos de eunucos pálidos?
Vences, mas como os fracos e as sereias:
Corrompendo e enervando os homens válidos.

Se vives com requinte e com ideas,
É que tens mãos sem côr, braços esquálidos.
Respondes a razões com melopeias,
Com frases dúbias e sorrisos cálidos...

Sabes que o teu diadema é de oiro impuro?
Vestes de sêda, e os bichos te consomem.
Vives de humilhações e de vaidade...

Porque erguer tanto a voz com ar seguro?
Sabes que mal consegues ser um Homem?
— Sei... que não tenho mêdo da Verdade!

XXXIII

SONETO DE AMOR

NÃO me peças palavras, nem baladas,
Nem expressões, nem alma... Abre-me o seio,
Deixa caír as pálpebras pesadas,
E entre os seios me apertes sem receio.

Na tua bôca sob a minha, ao meio,
Nossas línguas se busquem, desvairadas...
E que os meus flancos nus vibrem no enleio
Das tuas pernas ágeis e delgadas.

E em duas bôcas uma língua...,—unidos,
Nós trocaremos beijos e gemidos,
Sentindo o nosso sangue misturar-se...

Depois...—Abre os teus olhos, minha amada!
Enterra-os bem nos meus; não digas nada...
Deixa a Vida exprimir-se sem disfarce!

XXXIV

TRIUNFO

UM dia, estas palavras que hoje emprego
Talvez se volvam expressões leais,
E os meus olhos, monóculos de cego,
Multipliquem a luz como os cristais.

Talvez, então, meu vão desassossêgo
Seja sêde a beber cada vez mais,
E as minhas asas frustes de morcego
Subam no azul como as das águias reais.

Um dia, o dominó que me mascara
Talvez me caia aos pés; e eu me levante
No meu andor de glória e de desgraça.

Talvez o mundo, então, me volte a cara...
Mas só então, virado para diante,
Poderei ver o fundo à minha Taça!

XXXV

A VOCAÇÃO

ao Abel Almada

PELA noite, êsse Grito alevantou-se
Dos mais escusos longes do meu ser.
E eu compreendi que do teu seio o trouxe,
Ó Mãi!, e que era urgente obedecer.

Mandava não sei quê...—fôsse o que fôsse!
Ergui-me frio e lívido, a tremer...
E o silêncio da noite alvoroçou-se
De vozes que eu ouvi sem compreender.

Abri a porta, e deu-me em cheio o escuro.
Fui contra a noite como contra um muro,
E é de então que, chorando sangue, corro...

Basta! quero viver, se inda é possível!
Senão, voz do meu Fado inatingível,
Fala!, e que eu saiba, ao menos, porque morro.

XXXVI

ESPÍRITO

PORQUE uma gota a mais caíu na Taça,
Rasgo-me e ranjo como um violoncelo.
Mas procuro exprimir-me... E eis que o novelo
Só por inexprimível me ultrapassa.

Rola e rebola a bola à baixa praça,
Da baixa praça espincha ao sete-estrelo!
Pairo, a ver-me ora ignóbil ora belo,
Mas o ser visto ainda me embaraça.

Mais vinho! a gota a mais foi-me incompleta.
Mais!, e todo eu crepite e seja chama
Que lamba praças, expressões, fronteiras,

Ou Cá-Lá baile em plena estéril meta,
Ou me atire a dormir em qualquer cama,
Curtindo ininterruptas bebedeiras!

XXXVII

CÂNTICO

NUM impudor de estátua ou de vencida,
Coxas abertas, sem defesa..., nua
Ante a minha vigília, a noite, e a lua,
Ela, agora, descansa, adormecida.

Dos seus mamilos roxo-azuis, em ferida,
Meu olhar desce aonde o sexo estua.
Choro... e porquê? Meu sonho, irreal, flutua
Sôbre funduras e confins da vida.

Minhas lágrimas caem-lhe nos peitos...,
Emquanto o luar a nimba, inerte, gasta
Da ternura feroz do meu amplexo.

Cantam-me as veias poemas nunca feitos...
E eu pouso a bôca, religiosa e casta,
Sôbre a flor esmagada do seu sexo.

XXXVIII

FRENTE A FRENTE

ao António de Navarro

TINHA garras nos dedos! E agarraram
Terra com semen, humus, sangue, suor...
E essas fôrças de amar se sublimaram,
... Através mãos e pés de pecador.

Quis mais! E assim meus braços se estiraram
No insaciável apêlo ao Teu Amor.
E os meus olhos terrenos estoiraram
De sobre-humano e sôfrego esplendor.

Meu Deus! já me não basta o chão que é meu!
Mas através de chão foi que a Ti vim;
E subindo até onde... ou Tu ou eu,

Não pude erguer-me a Ti, desço-te a mim!
Peco? Se peco, o meu pecado é o teu:
Seja eu Deus ou Tu homem... que eis o Fim.

XXXIX

SANTO OFÍCIO

SUBI à serra a buscar lenha... E trouxe
Com que pôr todo a arder um descampado.
Cheguei vergado ao pêso e caluniado...
Mas ter chegado era-me alegre e doce.

Ora depois o vento alevantou-se,
E eu fui colhido, erguido ao ar, jogado...
Assim meu próprio fato ensangüentado
Foi também lenha sob a minha fouce.

Vou pegar fogo à minha lenha tôda:
Que belo auto-de-fé vai raiar logo,
Na longa noite alucinante e estranha!

E eu dançarei, delirarei à roda,
Mais!, sempre mais!, e mais! até que o fogo
Me faça espírito, alma, fumo... lenha.

XL

AUGE

ALMOÇOS de homenagem, ou jantares,
Fazem-me náuseas como os pique-niques.
E os selectos varões e os donzeis chiques
Dão-me anafilaxias singulares...

Exasperam-me jogos malabares
E quaisquer belos gagues, truques, tiques.
Pseudo sinais de alarme, ocos repiques...,
Já nem sequer desviam meus olhares.

Eclésias, arcádias e concêrtos...,
— Já me não diz senão vacuïdão fátua
Todo o saber ou crer sob cobertos!

E se um dia eu houver de ter estátua,
Seja nu!, que eu morri, porque descubro
Que só nu posso arder ao branco-rubro...

XLI

A COLUNA DE FOGO

TU, bem n-o sei, pedias-me um relato
Dessas teias de aranha que tramaste
Nos ângulos do muro, e em que enredaste
Moscas e pó,—que são jantar barato...

Mas, fugindo e furando como um rato,
Eis que eu transpus o muro em que ficaste,
E nem te vi! Por isso me acusaste
De não pensar senão no meu retrato.

Míope!, vê que eu tenho-me desprêzo!
E quando de mim falo, irmão!,—só falo
Das teias e dos muros que são teus...

Eu..., só falar de mim?! Mosquito prêso,
Cuspi na trama... e o Sonho em que me embalo,
Diga o que diga,—é só falar de Deus!

XLII

VÉSPERAS

TROMBETAS, anafis, clarins, timbales,
Também eu quis que o mundo mos ouvisse
Tocar; e essa banal, vã garridice
Feriu ecos por montes e por vales...

Não me fales!, não fales!, não me fales!,
Que tudo o que me digas, eu mo disse;
E foram sons que já são pó, velhice...
Deixa que enfim me cale e tu te cales.

Corri cafés, concêrtos, *bars*, orgias,
E habitei celas frias e sombrias
De solidão e de silêncio, em tudo.

Não me fales! adeus!... vai! tenho pressa...
Que o último diálogo começa
Com a noite de chumbo e de veludo.

XLIII

SONETO DO JOSÉ MATIAS

AQUELA aparição, aquela espuma
Que finge ter também um corpo..., aquela
Que é por demais subtil, por demais bela,
Para existir aquém do sonho e a bruma,

Aquela em quem amei nem sei que suma
De nuvem, flor, árvore, névoa, estrêla,
Aquela que a mim próprio me revela
E me é tôdas as mais sem ser nenhuma,

Sim, tem um nome, é quási uma qualquer,
(Tem o nome de Elisa...) e foi mulher
Dum que a deixou, morrendo, ao dono actual.

Êsses, não eu!, te gozem, corpo triste.
A Beleza que encarnas e traíste
Só desce até cá baixo ao meu portal...

XLIV

A ESFINGE

AH, que não penso eu como quem pensa
Que viver muito é atordoar-se bem!
Pus-me a um cantinho, e achei a vida imensa.
Pode um só passo andar bem mais que cem...

Olhei o sol de cara e a noite densa,
Mas só a mim fixei — que a mais ninguém.
Já não concebo angústia que me vença:
Mesmo vencido, eu vencerei também.

Cruzei os braços sôbre o peito... E quêdo,
Passeio sôbre a areia a arder parada
Nem sei que olhar subtil, vazio, mudo.

Abrem-me... em vão! Sou ôco, e sem segrêdo.
Falar?!... Porque falar, se não sei nada?
Contemplo, calo, fico... e entendo tudo.

XLV

JUÍZO DE DEUS

O barro e o pó que sou, se os Tu moldaste,
¿Porque é que em mim assim tão pouco é Teu?
De vez em vez se arroja o caule ao céu,
Mas nenhum fruto ou flor dá a erecta haste!

Falso diamante em seu fingido engaste,
Na minha carne o espírito esmaeceu...
Pregunto-me a mim próprio quem sou eu;
Pregunto-Te o que em mim de Ti deixaste.

Sim, Senhor criador de céus e terra!
Se êste vão simulacro é a Tua imagem,
¿Qual dos dois, Tu ou êle, engana ou erra?

(Mas que resposta espero eu, se a aragem
Do meu só preguntar por Ti, já ferra
Do Teu eterno o meu só ser passagem...?)

XLVI

GERMINAL

a Manuel Bandeira

SUBI, precoce e audaz, altas montanhas...,
Erigidas com fumo e fantasia.
Murchava a estrêla de alva, o sol nascia,
E eu todo ardia em rubras áureas sanhas...

Procelas!, temporais!, tufões!, estranhas
Brisas acres de longe e marezia!
Cedo, aos vossos vaivens, que nu me via,
Sem ascensões nem quedas,—sem façanhas...!

Silvou por mim como uma espada em chama
Que só poupou a rocha permanente
E abrazou tudo o que era andaimo e trama.

Recomeço a subir, humildemente...
Venho de ao rés das ervas e da lama.
Darei flor, desta vez, se Deus consente!

XLVII

PECADO ORIGINAL

SIM, Mãi! sim, quanta vez te vi chorar...,
Sem desistir de te fazer sofrer!
Gozava então nem sei que atroz prazer
De te arranhar no peito... e me arranhar.

Mas quis lutar comigo, Mãi! lutar
Contra êsse monstro obscuro do meu ser.
Que sonho, Mãi!: ter-me eu em meu poder,
Talhar-me bom, feliz, simples, vulgar...

Mãi! com que fôrça eu vi que era impotente!
...Porque de bem mais longe e bem mais fundo
A culpa do meu ser a nós dois veio.

Perdoemos um ao outro, humildemente:
Eu, Mãi!—ter-me o teu seio dado ao mundo;
Tu,—ter-me eu feito vida no teu seio.

XLVIII

SALVE-SE QUEM PUDER

TINHA um jardim com lagos que dormiam
Entre magnólias, palmas, roseirais,
E onde pavões de leque se exibiam
Com meneios enfáticos e reais.

Ora um dia, os mendigos que lá iam
Invejaram, talvez, cenários tais;
E amordaçando os galgos que latiam,
No meu jardim puseram mãos brutais...

Talaram tudo, entre uivos de vingança!
No fim, lôbos com almas de criança,
Foram-se embebedar contando a guerra.

Meus irmãos, obrigado! Estou mais rico.
Desfez-se o tal banal cenário... Eu fico:
Só Deus e eu damos comigo em terra!

XLIX

LÔGRO

VEJO, enfim, que, sem Ti, nada me presta!
Sem Ti, quebrada a lança, inerte o escudo.
Silêncio e escuro, — o cego surdo-mudo
De qualquer vida, eis o que encontra nesta.

Inútil tentar mais!, que só me resta
O inútil vício, solitário e agudo,
De tentar por tentar, e achar em tudo
O azêdo a cinza após a febre e a festa.

Só Tu me podes restituir a mim,
Revelar um Princípio no meu fim,
Compenetrar de Ser a morte e o nada.

Cheguei!, se aqui querias que eu chegasse.
Mostra-me pois, de novo, a Tua face,
Que até essa ilusão me foi roubada!

L

NOVO SONETO DE AMOR

NUMA volta qualquer do redondel
Nosso olhar se encontrou, longo e seguro.
Tu seguias teu fado amplo e cruel;
Eu sonhava o meu sonho imenso e obscuro.

Pousada a esponja de vinagre... e mel
No meu sôfrego lábio sêco e duro,
Logo, ao teu fado de emigrar fiel,
Me deixaste ao dobrar de qualquer muro.

Adeus, pois, neste mundo, se te apraz!
Parte!... mas eu irei aonde vás,
Como tu ficarás onde eu ficar.

Deus fez-te minha e fez-me teu, bem sabes:
A vida em que não caibo, nem tu cabes,
Nada pode, entre nós, senão passar...

LI

DE PROFUNDIS

ENTRE os Teus filhos todos me escolheste,
Meu Pai!, ¿para que ambíguo e estranho fado?
Que o maior dom que Tu me deste... — é êste
De nem poder, sequer, ser desgraçado!

Sob o ardor do Teu ósculo celeste,
Meu coração parou... de reservado.
E os olhos com que Te olho, Tu mos deste,
Mos deste..., e ao mesmo tempo me hás cegado!

¿Que fiz eu, antes mesmo de nascido,
Para que assim nascesse, já sujeito
A ser, a um tempo, o expulso e o preferido?

E, se és o Sumo Bem, Pai!, ¿é bem feito
Que Te queira eu querer qual sou querido,
E me negues Tu próprio êsse direito?

LII

CÁ E LÁ

JOGUEI-VOS com sarcasmos e desprezos,
Como um rei manietado a quem bateram.
Mas com angústia ouvi o que disseram
Meus próprios lábios brancos e surpresos...

Meus olhos sem amor, como os dos presos,
Na vossa mesma raiva se acenderam.
Mas com angústia os vi, que assim arderam
Nesses clarões do nosso inferno acesos...

Que eu sonhara entender... e ultrapassar-vos.
Para esfolhar meu belo sonho vão,
Bastava-me, ai! ouvir-vos e falar-vos.

Irmãos, aí tendes esta fria mão!
Só alto além de nós posso perdoar-vos
A ponto de vos vir pedir perdão...

LIII

ESTRÊLA DA TARDE

O que de todos esperara, há quanto
Que todos, um por um, mo sonegaram!
Meus lábios sem razão os verberaram,
Saiba-me a bôca, embora, a amargo e a espanto.

Pois que lhes dava eu, pedindo tanto?
A mim próprio, ¿que dei? Sons que esvoaçaram...
A vida não perdoa aos que a frustraram!
E a vida me atirou para o meu canto.

Já como quem, para morrer, se estira
No limiar da casa abandonada,
E olhando os céus, inda sorri, respira,

A Ti levanto os olhos do meu nada...
Recebe Tu (ou também és mentira?)
Minh'alma de nós todos recusada!

LIV

UNIVERSALIDADE

a Jorge de Lima

TANTOS e tais caminhos se enredavam
— Ah, rêde sôbre o abismo! — ante os meus passos,
Que eu me deixei ficar bamboando os braços
E olhando os outros todos que avançavam...

E todos que avançavam me clamavam:
— «Anda connosco em busca dos Espaços!»
A todos eu olhava de olhos baços...
E todos, rindo com desdem, passavam.

Que o meu caminho — o meu! — é que eu pedia.
E o meu caminho... ou eram todos êles,
Ou era, então, ficar parado e só.

Fiquei. Sou eu!, na encruzilhada... E um dia,
Tu, vento, que debalde hoje me impeles,
Por todos êles semearás meu pó!

LV

REDENÇÃO

MEUS poemas desprezaram a Beleza...
Fi-los descendo e transcendendo lôdos.
(Dos lôdos todos e dos poemas todos
Aqui vos falo com feroz franqueza!)

Fi-los, sentando à minha impura mesa
Quantos pecaram, por qualquer dos modos
Que há, de pecar, entre judeus ou godos...
E assim os fiz mais belos que a Beleza.

Tenho as mãos negras e os sorrisos curvos
Dos que, na sombra, beijam as raízes
Do que parece claro à luz de fora.

Vinde aos espelhos dos meus olhos turvos!
Se sois infames, fracos, e infelizes,
Nêles vereis como já nasce a aurora!

LVI

MEDITAÇÃO DA NOITE

VINHA alargando a noite... Eu continuava,
Já rouco, e aos berros sem decência alguma.
Ai bôca estéril, tumultuosa, e escrava!
Cuspia fumo, pó, fel, sarro, espuma...

Minh'alma aflita ouvia-me..., e aguardava,
Pesando-me as palavras uma a uma:
Mas, entre tantos sons, só não ressoava
A Palavra essencial que me perfuma!

Quem me julgou julgou-me, pois, por tudo,
Menos por essa Nota inexprimida
Sem a qual nem respondo aos que me chamem...

E eu fiquei só, desconhecido, e mudo,
Pairando, estranho à minha própria vida,
Per omnia secula seculorum..., amen.

LVII

LEGIÃO

BEIJO êstes próprios lábios com amor!
Voz de incerteza, crença, negação,
Já minha voz é a voz de eu-multidão,
E é cada um de vós meu orador.

Beijo estas próprias mãos de salteador!
Carne de sacrifício e de expiação,
Já, no abraço da cruz da redenção,
Meu corpo redimido é redentor.

Beijo êstes próprios pés que se extraviaram!
Já, sôbre mim, meus Anjos desataram
As fúrias do seu alto amor feroz.

Beijo o meu próprio sangue nas feridas!
Já, morrido esgotado de mil vidas,
Ressuscito, infinito, em todos nós.

LVIII

TESTAMENTO DO POETA

TODO êsse vosso esfôrço é vão, amigos:
Não sou dos que se aceita... a não ser mortos.
Demais, já desisti de quaisquer portos.
Não peço a vossa esmola de mendigos...

O mesmo vos direi, sonhos antigos
De amor! olhos nos meus outrora absortos!
Corpos já hoje inchados, vélhos, tortos,
Que fôstes o melhor dos meus pascigos!

E o mesmo digo a tudo e a todos,—hoje
Que tudo e todos vejo reduzidos,
E ao meu próprio Deus nego, e o ar me foge.

Para rehaver, porém, todo o Universo,
E amar! e crer! e achar meus mil sentidos!...,
Basta-me o gesto de contar um verso.

LIX

O POETA MORTO

BARBEARAM-NO e vestiram-no de preto,
Calçaram-lhe sapatos de verniz...
Moscas varejas chupam-lhe o nariz,
E êle mantem-se pálido e correcto.

Cheira a cera no quarto, já repleto
Do que há de mais distinto no país:
... Um general, dois lentes, um juiz...,
Com ar triste, imbecil, grave, e discreto.

Logo, os críticos sérios e carecas
Folhearão no pó das bibliotecas
Um livro caluniado emquanto vivo

Êsse a quem chamam hoje ilustre e augusto
Porque... porque êle, agora, é inofensivo
Como qualquer estampa ou qualquer busto!

LX

EPITÁFIO DO POETA

O arcanjo de asas pandas de granito
Poisa um dedo no lábio concentrado;
Mantem-se hierático e de pé, gelado;
E o seu olhar de pedra é alheio e fito.

Não lhe preguntes, pois, pelo finito
Corpo que jaz, sob seus pés, velado.
Isso é lôdo corruto, é um pó guardado
Num caixão corrutível e restrito...

Êle, o que amou, sonhou, cantou, sofreu,
E em cujo próprio desespêro ri
Um rastro de mais mundos e mais céu,

Viveu demais para caber aqui!
Se podes crer que enfim se desprendeu,
Encontrá-lo-ás em tudo... e até em ti.

LXI

IMORTALIDADE

JÁ no lugar dos olhos, que eram belos,
Tenho um buraco atónito e apagado;
Já rosas de gangrena me hão toucado,
Comendo-me as raízes dos cabelos;

Já os dentes me caíram, amarelos;
Já o meu nariz é um osso cariado;
Já o meu sexo é um trapo amarfanhado;
Já o meu ventre são bichos aos novelos;

Já as minhas carnes moles despegaram;
Já a língua inútil se me apodreceu;
Já a terra se fendeu por me aceitar;

Já milhões de pés vivos me pisaram;
Filho do pó, já o próprio pó sou eu...
Mas ao terceiro dia, hei de acordar!

LXII

SEGUE NO PRÓXIMO NÚMERO

MEU corpo sêco, elástico e pequeno
Rolou de envolta com vertigens de astros,
E rasgou ondas, montes, alabastros,
Atrás nem sei de que longínquo acêno...

Com as feras travou comércio obsceno,
Sob troncos mais altos do que mastros;
E abraçado no chão, transpôs de rastros
Desertos mudos dum pavor serêno.

Pendurado do braço dum candeeiro,
Fixo a uma cruz, ardido num braseiro,
Morreu, — ressuscitando a cada morte.

Venho e vou...! venho e vou...!, sempre! E é inútil
Querer vestir qualquer paragem fútil,
Que o tal acêno incógnito é mais forte...

TÁBUA DOS SONETOS